

Direção certa, resultados incertos

 SOCIEDADE ABERTA

Roberto Teixeira da Costa
ECONOMISTA

Edifícil questionar se o presidente Obama está se empenhando para cumprir suas promessas eleitorais. Desde que tomou posse, tem se desdobrado para por em prática o que havia anunciado em campanha.

No front externo, herdou uma situação de enorme complexidade no Iraque e Afeganistão. No Iraque, retirou as tropas das cidades e está prevista para o próximo ano a saída da tropa de combate. Há dúvidas se esse plano será cumprido devido a sua falta de clareza. Os conflitos religiosos continuam se sucedendo.

A situação do Afeganistão é ainda mais complexa e problemática. Os problemas ali encontrados não são somente da herança maldita de George Bush, e também de outros presidentes anteriores, já que os Estados Unidos e seus aliados estão envolvidos hoje numa guerra con-

tra aqueles mesmos que ajudaram e financiaram no passado.

Obama agiu certo no caso de Honduras, opondo-se veemente ao golpe que tirou Zelaya do poder. No entanto, a sugestão de Hillary Clinton de indicar Oscar Arias como mediador – até o momento o impasse continua – enfraqueceu a posição do Organização dos Estados Americanos (OEA).

A questão da colaboração prometida ao Presidente Calderon para combater os barões das drogas ainda não trouxe resultados palpáveis, haja visto os combates recentes travados e que resultaram inúmeras perdas para as forças policiais e militares.

A questão de Guantánamo e do uso de processos condenáveis contra os prisioneiros, foi encaminhada, muito embora o destino deles não esteja definido.

Na economia, consensualmente as indicações são no sentido de que o pior da crise financeira estaria superado. No entanto, há incertezas se a recuperação inicia-se ainda nesse 2º semestre de 2009 ou fica mesmo para 2010. O Federal Reserve (Fed, o BC americano) indica

Não se sabe se recuperação inicia-se ainda nesse 2º semestre ou fica para 2010

que a economia pode estar iniciando a recuperação.

No campo financeiro, a proposta recentemente anunciada de uma nova estrutura regulatória para o século 21, não teve a recepтивidade esperada.

Não só os republicanos, preocupados com os excessos de intervenção do governo nos mercados, como também o de vozes representativas do sistema financeiro têm se colocado em posição contrária a excessiva concentração de poderes nas mãos do Fed. Além disso, não parece estar havendo a sintonia necessária com a comunidade europeia sobre modelos de regulação.

Ditado muito conhecido é que “governar é eleger prioridades”. Ninguém imaginava que a vida de

Obama seria fácil: ao abrir tantas frentes para responder ao prometido, ficou na posição de um equilibrista, olhando todos os pratos que estão rodando, para que não caiam.

No front interno, Obama encontra mais uma grande batalha ao defender o plano de reforma do sistema saúde para a totalidade dos americanos. Novamente um debate feroz no Congresso, às voltas com o espetacular aumento nas despesas e do crescimento do déficit. A preocupação é que, uma vez a crise econômica esteja estancada, o preço a ser pago seja a de constante luta sem trégua contra a inflação, que poderá ser o desafio seguinte a vencer.

Assim, Obama e seu governo, caminham na direção certa. Várias frentes estão abertas, mas os resultados parecem que não surgiram tão rapidamente quanto desejado.

Roberto Teixeira da Costa é sócio-fundador da Prospective Consultoria Brasileira de Assuntos Internacionais. Foi o primeiro presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e presidiu o Conselho de Empresários da América Latina.